



COMO LIDAR COM A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA?

Camila Carlesso Pin
Davis Moreira Alvim
Mara Perpétua Banhos Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

P645c Pin, Camila Carlesso.

Como lidar com a diversidade em sala de aula? [recurso eletrônico] /
Camila Carlesso Pin, Davis Moreira Alvim, Mara Perpétua Banhos Pereira.
– 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2022.
16 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-00-43766-9 (*E-book*)

1. Sociologia educacional. 2. Identidade de gênero – Educação. 3.
Inclusão escolar. 4. Igualdade na educação. 5. Professores – Formação. 6.
Humanidades. I. Alvim, Davis Moreira. II. Pereira, Mara Perpétua Banhos.
III. Instituto Federal do Espírito Santo. IV. Título.

CDD 21 – 306.43

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116

OBSERVAÇÃO

MATERIAL DIDÁTICO PÚBLICO PARA LIVRE
REPRODUÇÃO.
MATERIAL BIBLIOGRÁFICO ELETRÔNICO.

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO DE HUMANIDADES.

APRESENTAÇÃO

O presente produto advém da pesquisa "Diversidades no reconhecimento secundarista: diálogos sobre gênero na escola", realizada entre os anos de 2020 e 2022, pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino de Humanidades.

A pesquisa decorre do encontro com estudantes do Ensino Médio Integrado ao Técnico, do Ifes campus Linhares, região interiorana do Espírito Santo.

O ensinamento obtido ao longo do processo, deu origem a um material de atividades experimentais, para lidar com a diversidade em sala de aula.

A primeira sessão ilustra sugestões e dicas para professores, pesquisadores, psicólogos e outros, com linguagem acessível e direta. Nos decorrer dos tópicos são apresentadas falas dos estudantes, com intuito de demonstrar a experiência prática. Os nomes dos alunos participantes são fictícios.

A segunda sessão apresenta duas construções realizadas pelos estudantes, o primeiro grupo pró-gênero e, o segundo, o trabalho de um estudante não simpatizante as questões de gênero.

Não há em tal proposta um roteiro, plano ou programa de como orientar o ensino em gênero, mas como lidamos com as expressões plurais que compõe o conhecimento dos estudantes.

Estimamos que tais experiências possam transfigurar outras compreensões sobre os discursos antigênero e pró-gênero, pensando conjuntamente com os estudantes secundaristas.

O material comporta dicas para repensar as divergências sobre o conceito de gênero, indicado que este debate não comporta, necessariamente, discursos de ódio e preconceitos da parte daqueles que se opõem ao conceito.

1



p.... 5

2



p.... 6

3



p.... 7

4



p.... 8

5



p.... 9

6

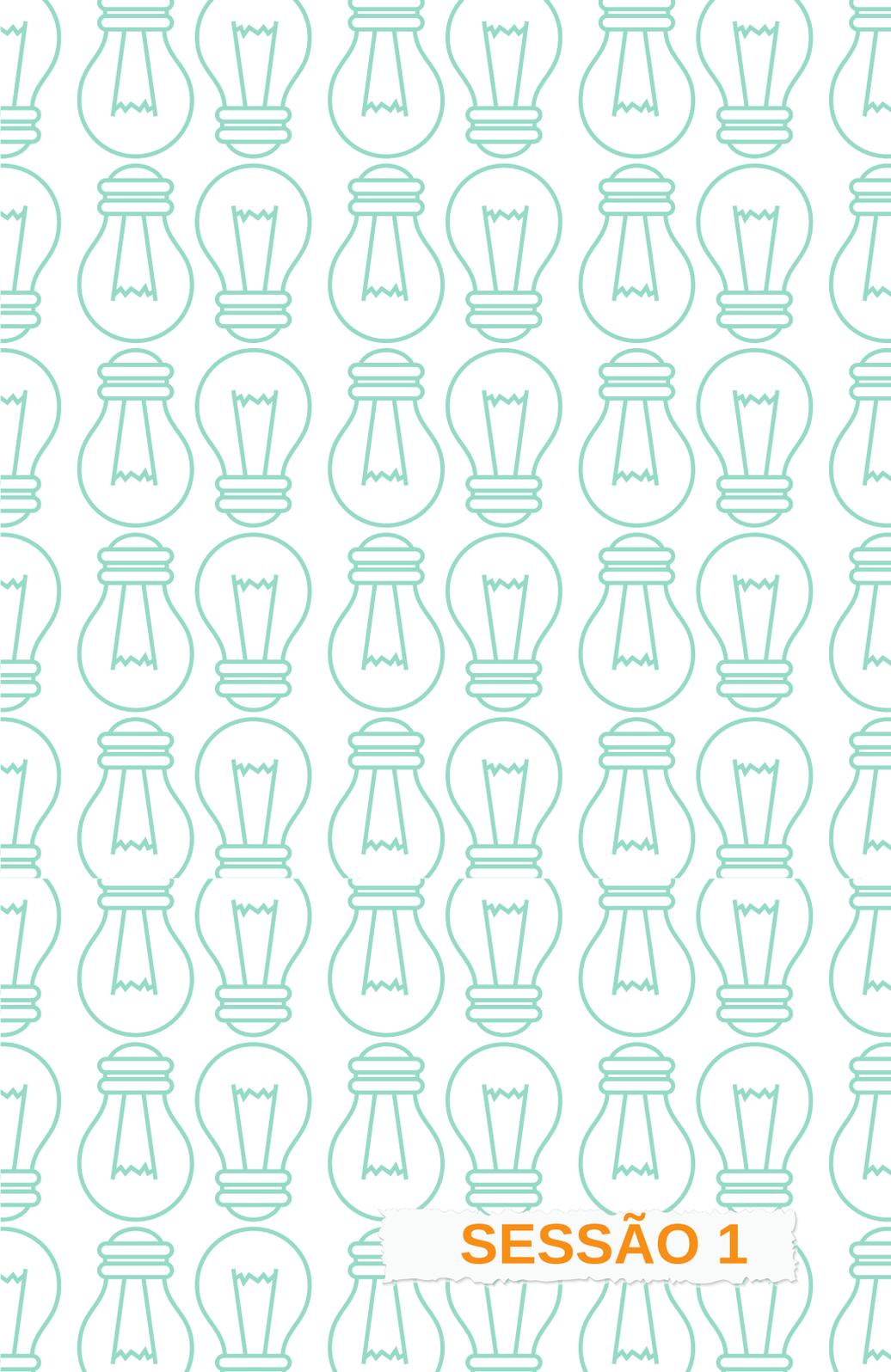


p.... 10

7



p.... 12



SESSÃO 1

1



PARA INÍCIO DE CONVERSA

Se a educação em gênero pressupõe, inicialmente, ensinar o que é gênero, esse material pretende desmistificar tal enunciado. Os estudantes secundaristas, normalmente, sabem perfeitamente o que é gênero! ANTES DE COMEÇAR não se assuste: estes criticam, questionam, expõem, disseminam e propagam suas percepções e conhecimentos.

Não pressuponha o desconhecimento do tema da parte dos estudantes e não veja a si mesmo como o portador de ensinamentos libertadores e desconhecidos.

“É como uma pessoa se autodenomina”.

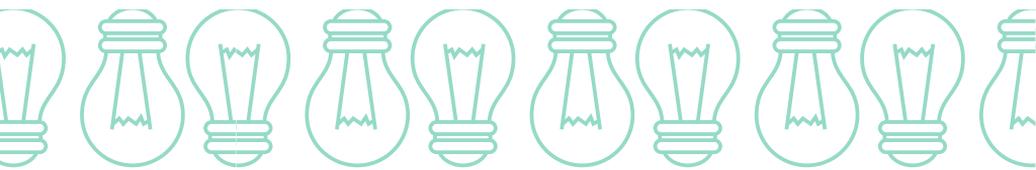
José, 15 anos.

“É como a pessoa se identifica”.

Luiza, 16 anos.

“Uma forma de violência de gênero são pessoas se recusarem a chamar a outra pessoa pelo gênero que ela se reconhece, seja homem, mulher, cis, trans, de gênero neutro”.

Maria, 16 anos.





2

NÃO CRIE ROTEIRO

Convide os estudantes para participar de uma roda de conversa. Não é necessário nenhum roteiro. Faça uma pergunta direta e permita que eles conduzam o debate.

“Eu acho que tudo poderia partir do respeito pelo próximo, porque quando você respeita uma pessoa, não só se resume a isso (gênero), mas se resume no geral, em todas as ações. A partir do momento que você começa a respeitar e entende que a pessoa tem o direito de ser o que ela é, você não tem direito de interferir naquilo ali, isso já é uma coisa que vai fazer a sociedade evoluir”.

Dara, 17 anos.



3

PERMITA O CONTRADITÓRIO

Pratique liberdade de pensamento e faça entender que todas as opiniões respeitadas constroem o diálogo. Não permita que a prática educativa fique limitada à defesa das questões de gênero.



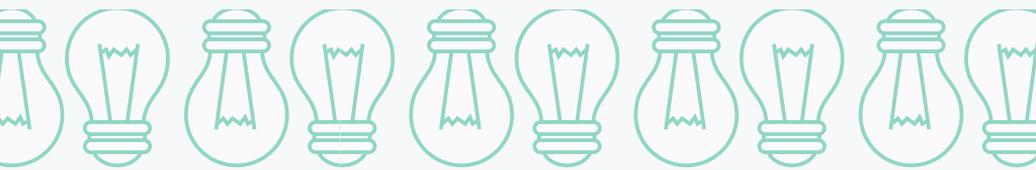
“O debate as vezes acontece meio errado, tipo quando as pessoas vão tentar defender o ponto de vista delas atacando os outros, o importante é compartilhar a opinião, mas estando aberto a ouvir a opinião de outras pessoas e aprender com elas também. Eu posso tentar rebater seu argumento, falar sobre uma linha lógica e tal”.

Fernando, 17 anos.



É claro que existem opiniões diferentes, mas sei lá, talvez você participa de um debate, como esse aqui, aí você aprende coisas novas e compartilha seu conhecimento, as pessoas compartilham o conhecimento delas, e assim a gente aprende”.

Stefani, 16 anos.



4



NÃO É NECESSÁRIO INTERVIR

Quando as opiniões contrárias ao ensino de gênero se manifestarem: mais frequentemente do que os adultos imaginam, não existe discurso de ódio e relações de opressão no convívio entre os secundaristas. O espaço de convivência por eles criado, permite que a pluralidade de opiniões se transforme em ideias, dentre as quais, farão surgir novos questionamentos e aprendizagens.

“É mais uma questão de educação, por exemplo, eu não acho justo as mulheres estarem em empregos que tem muito perigo, sei lá, em grandes siderúrgicas, que tem coisas muito quentes, muito pesadas ou obrigar as mulheres a servir no exército aos 18 anos. Como cavalheirismo, eu não acho legal colocar as mulheres nessa situação, a menos que elas queiram né, mas obrigar como acontece para os homens, não concordo”.

Lucas, 16 anos.

“Eu acho que ninguém deveria ser obrigado a fazer alistamento militar, isso sim”.

Sara, 16 anos.



5

ENTENDA O ESPAÇO ESCOLAR

Busque e leia as pesquisas já publicadas sobre o espaço escolar de atuação. As práticas educativas adotadas podem colaborar com o ensino e a aprendizagem.

Os estudantes, pró-gênero e antigênero, qualificaram como relevante o ambiente criado pelas pesquisas.



"A formação social começa na escola, por isso que é importante criar espaços para dialogar sobre essas questões que são socialmente mal vistas".

João, 17 anos.

"Isso que você está fazendo aqui hoje é muito importante para gente refletir enquanto grupo, sobre essas questões que são tabus".

Amanda, 15 anos.



6

APRECIE AS LUTAS SECUNDARISTAS

A resistência diante das violências faz parte da vida escolar dos estudantes. Eles resistem ao corpo escolarizado, resistem às violências de gênero institucionalizadas, questionam valores e transformam espaços.

Deixe as lutas escolares fluírem durante a aula.

"Aqui na escola não tem muito esse negócio de violência de gênero, porque assim, aqui tem vários projetos, aqui o pessoal se respeita mais do que na sociedade lá fora".

Kesia, 16 anos.

A maioria de nós passa o maior tempo na escola, isso desde de criança, aumentando cada vez mais no decorrer da idade. Eu acho que é papel da escola educar a pessoa não só para o mundo do trabalho, mas também socialmente.

Geany, 16 anos.

"Nossa escola, não 100%, mas em comparação a muitas outras, é um espaço muito mais livre. Aqui a gente tem aqueles grupos, é, colorifes, icacheou, são coletivos que promovem muita resistência quando esses assuntos são tocados".

Diego, 17 anos.



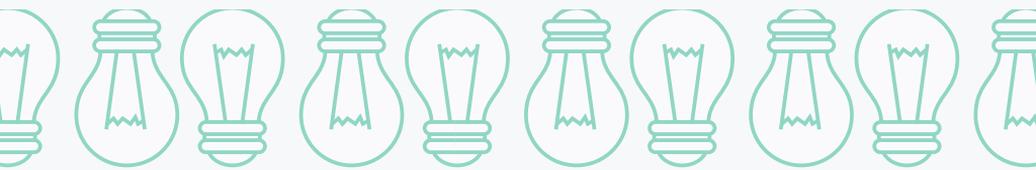


SESSÃO 2

7

APRECIANDO DISCURSOS

Foram selecionadas duas construções dos estudantes sobre gênero: uma defesa e uma crítica.





PRÓ-GÊNERO

"Eu concordo com ensino de gênero porque tem umas pessoas que dizem que o respeito deve ser ensinado em casa e não na escola, mas se formos parar para analisar, a maioria de nós não passa tanto tempo assim com os pais em casa. A maioria de nós passa o maior tempo na escola, isso desde de criança, aumentando cada vez mais no decorrer da idade. Eu acho que é papel da escola educar a pessoa não só para o mundo do trabalho, mas também socialmente. Obviamente que educar é ensinar a pessoa a ter respeito, porque por exemplo, se a gente aprende uma coisa só em casa e você chega na escola e não falam sobre isso (gênero), porque pode ser considerado um tabu, ou porque é papel dos pais e não da escola, eu acho que acaba sendo um pouco hipócrita. Não adianta os pais ensinarem e os alunos saberem aplicar isso na escola, então eu acho que é importante o papel da escola no desenvolvimento dos alunos".

Geany, 16 anos.



ANTIGÊNERO



"Creio que a Ideologia de Gênero não deve ser ensinada nas escolas, mas, sim, o contrário: deve ser combatida dentro delas. Para entender tal opinião por mim defendida, faz-se mister enxergar o fato que o principal adversário da Ideologia de Gênero é, comprovadamente, a própria ciência. Homem e Mulher não são construções socioculturais impostas, mas, sim, dados da realidade. Os estudos de neurociência apontam, há décadas, claríssimas diferenças anatômicas e funcionais entre os cérebros masculino e feminino (HAUSMANN, 2017; RITCHE et al., 2017a; RITCHE et al.2017b; dentre outros). Ela é um exemplo, apenas, de contraponto realista, contundente, dentre outros tantos argumentos em áreas variadas como a bioquímica, anatomia, filosofia, sociologia etc., os quais, até hoje, não foram desmentidos honesta e cientificamente, como deve ser. Portanto, a escola, como órgão provedor de educação científica, não poderia desconsiderar a realidade não científica da Ideologia de Gênero, ao ensiná-la, mas, sim, bem poderia, em minha opinião: deveria, alertar os estudantes sobre o perigo de tais ideologias insustentáveis."

Otávio, 16 anos.



Organizadores:
Camila Carlesso Pin
Davis Moreira Alvim
Mara Perpétua Banhos Pereira

Instituto Federal do Espírito Santo



FAPES

FUNDO DE APOIO À PESQUISA E À INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação, Educação Profissional e Desenvolvimento Econômico

